



***MAPEANDO CONHECIMENTOS E REALIZANDO ETNOGRAFIAS:
GÊNERO, SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO E CIBERCULTURA EM
PERSPECTIVA MULTIDISCIPLINAR***

***MAPEANDO CONOCIMIENTOS Y REALIZANDO ETNOGRAFÍAS:
GÉNERO, SEXUALIDAD, EDUCACIÓN Y CIBERCULTURA EN PERSPECTIVA
MULTIDISCIPLINAR***

***MAPPING KNOWLEDGE AND CONDUCTING ETHNOGRAPHIES:
GENDER, SEXUALITY, EDUCATION, AND CYBERCULTURE IN A
MULTIDISCIPLINARY PERSPECTIVE***

Aldo Cativo da Silva Filho¹

Lucélia de Moraes Braga Bassalo²

RESUMO

Este trabalho oferece uma análise teórica da interseção entre estudos culturais, gênero, sexualidade, educação e cibercultura, ressaltando a importância de uma abordagem multidisciplinar. Os estudos culturais são apresentados como fundamentais para compreender a produção de significados na sociedade contemporânea, especialmente em relação a gênero e sexualidade. Uma revisão a partir de um estado do conhecimento revela uma preocupação crescente com essas temáticas na academia, com uma variedade de abordagens e metodologias. Explora-se também o ensino sobre gênero e sexualidade em espaços virtuais, por meio de uma etnografia virtual e utilizando o Facebook como principal plataforma de análise, evidenciando a complexidade das discussões, incluindo grupos de direitos humanos e religiosos, com destaque para as tensões dentro da comunidade LGBTI+. Em conclusão, o estudo contribui para uma compreensão mais profunda das dinâmicas de ensino e aprendizagem sobre esses temas nas redes sociais, enfatizando a necessidade de promover um diálogo inclusivo e informado.

PALAVRAS-CHAVE: Cibercultura. Gênero e Sexualidade. Grupos do Facebook.

RESUMEN

¹ Mestre em Educação. Universidade do Estado do Pará, Belém, Pará, Brasil.

² Doutora em Educação. Universidade do Estado do Pará, Belém, Pará, Brasil.

Este trabajo ofrece un análisis teórico de la intersección entre estudios culturales, género, sexualidad, educación y cibercultura, resaltando la importancia de un enfoque multidisciplinario. Los estudios culturales son fundamentales para comprender la producción de significados en la sociedad contemporánea, especialmente en relación con el género y la sexualidad. Una revisión del estado del conocimiento revela una preocupación creciente con estas temáticas en la academia, con diversos enfoques y metodologías. Además, se explora la enseñanza sobre género y sexualidad en espacios virtuales mediante una etnografía virtual utilizando Facebook como principal plataforma de análisis. Se destaca la complejidad de las discusiones, incluyendo grupos de derechos humanos y religiosos, con énfasis en las tensiones dentro de la comunidad LGBTI+. En conclusión, el estudio contribuye a una comprensión más profunda de las dinámicas de enseñanza y aprendizaje sobre estos temas en las redes sociales, enfatizando la necesidad de promover un diálogo inclusivo e informado.

PALABRAS-CLAVE: Cibercultura. Género y Sexualidad. Grupos de Facebook

ABSTRACT

This work offers a theoretical analysis of the intersection between cultural studies, gender, sexuality, education, and cyberculture, highlighting the importance of a multidisciplinary approach. Cultural studies are presented as fundamental for understanding the production of meanings in contemporary society, especially concerning gender and sexuality. A review from a state of knowledge reveals a growing concern with these themes in academia, with a variety of approaches and methodologies. It also explores teaching about gender and sexuality in virtual spaces through virtual ethnography, using Facebook as the main platform for analysis, highlighting the complexity of discussions, including human rights and religious groups, with a focus on tensions within the LGBTI+ community. In conclusion, the study contributes to a deeper understanding of teaching and learning dynamics on these topics in social networks, emphasizing the need to promote inclusive and informed dialogue.

KEYWORDS: Cyberculture. Gender and Sexuality. Facebook Groups.

* * *

Introdução

Ao longo da história, forças conservadoras, muitas vezes escoradas em discursos e ideais religiosos e políticos, vinculados à direita e extrema direita global, têm se posicionado contra aos avanços no campo dos direitos humanos, especialmente no que consiste a diversidade sexual. No contexto brasileiro, retrocessos políticos, visto o golpe de 2016, o aumento de eleições de representantes vinculados a esse ideário e o amplo aumento de uma bancada preconceituosa no congresso, têm contribuído para a manutenção ou aumento da lacuna com relação a ações escolares que visem a construção da igualdade em relação ao gênero e sexualidade.

Destacamos, por exemplo, a posição de Richard Miskolci e Pedro Paulo Pereira (2018) que deixam claro como a ascensão de grupos conservadores no Brasil, após 2016, tem sido marcada por uma resistência crescente aos direitos sexuais e reprodutivos, bem como se dirige a quem os defende, como no episódio em que Judith Butler tornou-se alvo primordial, de ataques e manifestações desses grupos em sua estada no Brasil, em 2017. Para os autores esta é uma das estratégias que reflete o aumento da influência de ideais religiosos conservadores em grupos políticos, no cenário nacional.

Tal realidade, conjectura não só dificuldades para aqueles que são alvo dessas perseguições ideológicas, mas uma verdadeiro combate as existências *queer*. Contudo, estes fatos não são obstáculos para que, por exemplo, sujeitos *queer*³, em formação, compartilhem suas vivências, experiências e conhecimentos.

Na contemporaneidade a presença de discussões, debates e conversas sobre temáticas que atravessam o campo de gênero e sexualidade, é intensa e apesar de não estar presente em currículos escolares, é possível localizá-los em espaços outros, onde a dimensão educativa se faz presente em partilhas de pontos de vista, posicionamentos e recomendações, de modo que conteúdos com determinadas nuances epistemológicas, são mobilizados e incidem sobre os sujeitos. A inquietação acerca de tais ambientes nos levou a prestar atenção em aprendizagens informais *online*, que se constituem em alternativa para a promoção de discussões e formações progressistas, em termos de gênero e sexualidade, fora de ambientes formais e escolares.

No caso desse estudo, nos referimos a plataformas de comunicação e socialização virtuais, que oferecem a oportunidade de criar, com ressalvas, espaços seguros onde indivíduos podem compartilhar suas vivências e objetivos. Sendo assim, é possível afirmar que nas interações que se desenvolvem no espaço virtual, em meio a cibercultura, ocorrem processos de aprendizagem, em que pessoas atuando de modo fluído como educadoras e aprendizes, muitas vezes, promovem contextos informais e dialógicos de Educação.

³ A definição de sujeitos queers abrange pessoas que se identificam fora das normas tradicionais de gênero e sexualidade. O termo "queer" é intencionalmente amplo e inclusivo, permitindo uma gama diversificada de identidades e orientações, assim como anunciou Guacira Lopes Louro (2004). Originalmente usado como um insulto, hoje é ressignificado para celebrar a diversidade e a resistência às categorias rígidas. A performance queer é muitas vezes caracterizada por uma resistência às normas sociais e culturais que impõem padrões rígidos de gênero e sexualidade, promovendo uma visão mais inclusiva e fluída dessas experiências.

Neste caso, consideramos que as novas tecnologias de informação e comunicação, surgem interações sociais, expressões individuais, aprendizados e compartilhamento de conhecimentos, em ambientes sociais definidos por Pierre Lévy (1999) como ciberespaço. Trata-se de um espaço não físico, porém genuíno, onde é possível vivenciar experiências, questionar conceitos, promover diálogos e reavaliar ideias dentro de uma cultura digital, ou seja, desenvolve-se a Cibercultura (Pierre Lévy, 1999).

Essa ideia é corroborada por Lúcia Santaella (2023) que vincula a existência do ambiente virtual e tecnológico as ações humanas, como traço cultural humano. Desse modo utiliza a denominação de “ciberespaço para os espaços informacionais da internet e a consequente cibercultura para todas as práticas sociais comunicativas que passaram a se desenvolver nesses espaços” (Lúcia Santaella, 2023, p. 85) ou seja, a cibercultura não é algo abstrato, pelo contrário ela é composta de “todas as formas de inserção, troca, compartilhamento e armazenamento que se abrigam no espaço informacional da internet” (Lúcia Santaella, 2023, p. 88), é complexa e atualmente incluem novas nomenclaturas como *big data*, algoritmos de inteligência artificial (IA) e a mais recente generalização que vem sendo chamada de “era da datificação” (Lúcia Santaella, 2023, p. 90).

Neste sentido e tendo em vista tanto as relações de gênero e sexualidade como os aprendizados que as pessoas constroem no contexto das redes virtuais, pensamos na rede social Facebook, no intuito de observar grupos virtuais e, mais do que isso, selecionar grupos distintos com perspectivas diferentes para uma apropriação mais rica e detalhada dos aprendizados sobre gênero e sexualidade.

Este trabalho reúne resultados de um estudo construído e apresentado durante o período de pandemia da COVID-19 (SARS-CoV-2), que intencionou realizar uma discussão teórica, crítica e argumentativa sobre o debate de gênero e sexualidade no contexto das relações virtuais, com auxílio dos estudos culturais e demonstrar as possibilidades de ensino e aprendizagem sobre a temática gênero e sexualidade no ciberespaço. Desse modo, investigamos sobre as possibilidades de construção de conhecimento, visando processos de ensino e aprendizagem que ocorrem nas redes virtuais.

O artigo está dividido em 4 partes, iniciando com uma discussão sobre cultura, gênero e sexualidade no ciberespaço, seguida dos pressupostos metodológicos que orientaram na pesquisa, caracterizada por ser uma etnografia virtual, na perspectiva de Beatriz Polivanov (2013). As informações amealhadas neste processo foram analisadas a partir do método documentário, como proposto por Ralf Bohnsack (2020). A terceira

parte do texto se destina a apresentar os estudos brasileiros, em termos de teses e dissertações, realizados entre 2009 e 2019, sobre a perspectiva de uma Educação em Ciberespaço no que consiste a gênero e sexualidade.

Por fim, apresentamos os dados de nossa própria pesquisa inserida na cibercultura, onde, pela necessidade delimitação mais específica para um o lócus de estudo, consideramos as redes sociais virtuais, que se estabeleceram como um potente campo de relações *online*, mais especificamente a plataforma *Facebook* que já chegou a alcançar o número de quase 3 (três) bilhões de usuários e por volta de 150 (cento e cinquenta) milhões de usuários no Brasil (IBGE, 2018).

Cultura e aprendizados de gênero e sexualidade no ciberespaço

Gostaríamos de lembrar que debates interdisciplinares, como aqueles relacionados à conectividade, gênero e sexualidade, estão, atualmente se tornando mais proeminentes, se desdobrando em uma variedade de contextos, inclusive nos ambientes virtuais. São temas emergentes que anteriormente eram ignorados tanto por acadêmicos quanto pela sociedade em geral. Nesse sentido, Richard Miskolci (2016, p. 277) afirma que “vivemos a consolidação de transformações tecnológicas e sociais articuladas e que não podem mais ser compreendidas em separado, assim como suas consequências econômicas e políticas”.

Os estudos das culturas populares pretendiam responder a indagações sobre a constituição de um sistema de valores e de um universo de sentido, como esses mesmos sistemas contribuem para constituição de uma identidade coletiva e como se articulam as dimensões de resistência e subordinação das classes populares.

Na década de 80 definiram-se novas modalidades de análises dos meios de comunicação, onde através da combinação da análise de texto com a pesquisa com pessoas, identifica-se uma forte inclinação em refletir sobre o papel dos meios de comunicação na constituição das identidades, tendo esta última se tornado uma das principais questões de discussão estudos críticos na atualidade, de acordo com Ana Carolina Escosteguy (2010)

No contexto dessa dinâmica de poder e a importância que é dada a determinados temas em determinado tempo, é possível pensar nos chamados estudos culturais, que ganhando força no final da década de 50, através do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), passam a ser tratados como um novo campo de estudos pelos intelectuais da época. As principais temáticas que estes estudos tratam são “as relações entre a cultura

contemporânea e a sociedade, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais” (Ana Carolina Escosteguy, 2006, p. 138).

Nesse sentido, é possível afirmar que ao relacionarmos estudos sobre gênero e sexualidade, bem como ao ciberespaço e a estudos culturais, é possível proporcionar uma análise crítica e profunda, explorando como a tecnologia e as plataformas digitais moldam e refletem questões de identidade e poder.

É por isso que cada vez mais vemos pesquisadores e intelectuais da área recusando o discurso dominante e atuando na valorização de manifestações culturais e individual de cada grupo ou cultura, de modo que os estudos culturais “[...] nunca pretenderam dizer que a cultura poderia ser identificada e analisada de forma interdependente das realidades sociais concretas dentro das quais se manifestam” conforme Valda Blundell *et al.* (1993, p. 2, *apud* Ana Carolina Escosteguy, 2010, p. 33).

Portanto devemos lembrar que nesse sentido, as teorias feministas e *queer* desempenham um papel crucial na análise cultural, questionando e desafiando as normas e estruturas patriarcais e heteronormativas e nunca agindo como um simples campo descritivo ou prescritivo, mas sim crítico, reflexivo e transformador.

Sujeitos LGBTI+⁴, na atualidade não dependem apenas da tecnologia e do patrimônio cultural para construir e afirmar suas identidades, pelo contrário, encontram-se com a tarefa de construir seus caminhos formativos e subjetivos numa paisagem cultural descentrada, não mais presa nas amarras de uma imprensa ou de estruturas narrativas fechadas, nem mesmo possuem certeza de um futuro econômico seguro, com afirma Henry Giroux (1995).

Dentre estes caminhos, ao considerarmos os processos educativos proporcionados por esses sujeitos no contexto do ciberespaço, é preciso considerar algum conceito de internet ligada à educação. É possível afirmar que o ciberespaço é “um lugar de construção coletiva de saberes” (Séraphin Alava *et al.*, 2002, p. 21), ou seja, por ser um espaço onde diversas culturas e indivíduos se encontram, é também um ambiente diverso e global de educação, que pode ser compartilhada, aprendida e ensinada pelos usuários.

Sendo assim, o ciberespaço é uma “via de acesso” (Suely Soares, 2006, p. 38) no qual, por meio do contato com outras informações e linguagens, sujeitos heterogêneos de

⁴ A escolha da utilização sigla LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Intersexos e +, que inclui outras identidades e orientações não explicitamente mencionadas na sigla.) se dá pela brevidade e necessidade de concisão no texto, mas também se delinea com o que visto no estatuto da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), fundada em 1995 e com o Conselho Nacional Popular LGBTI+.

diversas partes do mundo, podem socializar e constituir uma relação de troca de informações, de educação e aprendizagem, independente de processos formais, gerenciais e presenciais. Uma dessas vias são as redes sociais virtuais, que podem ser definidas como espaços públicos que servem principalmente para os jovens manterem contato com amigos já existente ou construir novas amizades. Pode-se dizer que:

É comum os jovens irem construindo sua identidade social neste tipo de ambiente virtual. Para muitos jovens, encontrar seus amigos em sites de redes sociais é como ir ao shopping para encontrar seus amigos e colegas da escola ou do bairro (Ana Maria Lima, 2011, p. 33).

Com relação a vivências online, ressaltamos que são constituídas por usuários, sujeitos atravessados por suas experiências pessoais, que possuem bagagens históricas, humanas, sociais, afetivas, econômicas, culturais e intelectuais que reverberam em suas relações nos ambientes virtuais.

Portanto, ciberespaço, caracteriza-se como um lugar real e continuação do ambiente material em que vivemos, onde, a maioria dos aspectos de relações humanas que produzimos a cada instante também são produzidos e vivenciados no mundo virtual (Piérre Lévy, 1999).

Sobre as identidades construídas virtualmente, pode-se dizer que “a busca de definição ou de legibilidade para a identidade individual e coletiva [...] passa também pelo letramento digital” (Suely Soares, 2006 p. 15). Ou seja, há uma nova necessidade contemporânea de acréscimo de conhecimentos específicos sobre os funcionamentos das novas tecnologias para estabelecer-se relações virtuais de comunicação e que fazem parte da sociedade de modo geral.

A teoria da performatividade de gênero de Judith Butler (2003), se aplica fortemente ao ciberespaço, onde as identidades podem ser experimentadas e expressas de maneiras mais flexíveis. A autora desafia a concepção de gênero como uma característica fixa e estável, argumentando que o gênero é construído através de atos, gestos e comportamentos repetidos que produzem a ilusão de uma identidade de gênero coerente e estável, propondo que o gênero não é algo que se é, mas algo que se faz, ou seja, um conjunto de ações performativas que são continuamente reiteradas.

A performatividade de gênero sugere então que a identidade de gênero é um efeito produzido pela repetição de normas culturais. Esses atos performativos são, em grande parte, inconscientes e socialmente regulados, mas têm o poder de subverter as normas de

gênero ao serem repetidos de maneira não convencional. Nesta perspectiva as performances de gênero não são apenas individuais, mas também coletivas, moldadas pelas expectativas sociais e culturais.

Aplicando essa teoria ao contexto do ciberespaço, podemos ver como as plataformas digitais permitem uma maior flexibilidade na expressão de identidades de gênero e sexualidade. No ambiente virtual, as pessoas podem experimentar e articular suas identidades do modo como julgarem ser mais adequado, experimentando modos de ser mais livres e distanciados das restrições impostas pelas normas sociais tradicionais. Redes sociais, fóruns e outros espaços online oferecem oportunidades para que os indivíduos explorem e performem suas identidades de gênero de forma mais aberta e, por vezes, até anônimas.

Por exemplo, em redes sociais como Facebook, Instagram e Twitter, usuários podem criar e manipular suas identidades de gênero através de perfis, postagens, fotos e interações. Essas plataformas permitem a exploração de múltiplas identidades de gênero, em que os indivíduos podem se apresentar de maneira diversa e experimentar diferentes formas de expressão de gênero. Além disso, a anonimidade proporcionada por algumas plataformas pode facilitar a experimentação e expressão de identidades de gênero que podem ser reprimidas ou estigmatizadas em contextos offline.

De nosso ponto de vista, o ciberespaço pode ser compreendido como um terreno fértil para a performatividade de gênero, por ser um local onde as normas de gênero podem ser desafiadas, subvertidas e novas formas de identidade de gênero podem emergir e ser legitimadas. A teorização de Judith Butler oferece uma lente poderosa para entender como o gênero é continuamente construído e reconstruído em contextos digitais, oportunizando a compreensão da fluidez e a contingência das identidades de gênero no mundo contemporâneo.

Constatamos que o ciberespaço facilita a formação de comunidades baseadas em interesses compartilhados, incluindo aquelas centradas em questões de gênero e sexualidade. Espaços *online* como grupos virtuais LGBTI+ podem proporcionar um ambiente de apoio e solidariedade, onde indivíduos podem compartilhar experiências, recursos e ativismos.

Os estudos culturais também exploram como o poder é exercido e contestado no ciberespaço. A internet pode tanto reforçar quanto desafiar estruturas de poder existentes. Por exemplo, campanhas de ativismo digital podem mobilizar apoio para causas

feministas e LGBTI+, enquanto também enfrentam resistência e ataques, como o assédio *online*.

A interseção dos estudos de gênero e sexualidade com o ciberespaço revela complexidades adicionais, como por exemplo, representação e visibilidade, pois a internet oferece plataformas que podem tornar visíveis identidades e experiências marginalizadas. No entanto, também é um espaço onde representações estereotipadas e preconceitos podem ser amplificados. O estudo dessas dinâmicas ajuda a entender como a cultura digital influencia percepções e atitudes sobre gênero e sexualidade.

Além disso, ao pensarmos sobre política de identidade, o ciberespaço se torna um campo de batalha, onde narrativas dominantes podem ser contestadas. Movimentos como #MeToo e #BlackLivesMatter mostram como a mobilização digital pode trazer questões de gênero e raça para o centro do debate público.

É possível destacar também a relação entre corpos e tecnologias, pois a relação entre corpos físicos e identidades digitais é um tema central. Tecnologias como a realidade virtual e aumentada estão expandindo as possibilidades de expressão de gênero e sexualidade, permitindo novas formas de experimentar e entender essas identidades.

Em resumo, a integração de estudos culturais com as temáticas de gênero, sexualidade e ciberespaço oferece uma compreensão rica e multifacetada das formas de como as identidades e as culturas são negociadas, representadas e transformadas na era digital. Com esta noção podemos afirmar que a comunicação e seus novos meios tecnológicos de difusão mudaram a integração social e os processos de identidade, agora envolvendo diretamente o científico-tecnológico.

Contudo, um questionamento começou a nos desafiar, pois ainda que estejamos diante de um fenômeno que atravessa nosso cotidiano, como ele vem sendo discutido em nossa área de estudo?

Assim, pautados nas noções desenvolvidas por Joana Romanowski e Romilda Ens (2006), de que é importante academicamente arrolar, mapear e caracterizar a produção científica sobre um determinado tema, em um setor específico de uma área do conhecimento, pormenorizando as produções que nele são desenvolvidas e ainda, de que tais procedimentos permitem uma análise densa e crítica acerca da produção do conhecimento, localizando avanços, lacunas, fragilidades e potencialidades, consideramos a relevância de entender o que vem sendo produzido acerca das temáticas Gênero, Sexualidade e Ciberespaço no campo da pós-graduação em educação no Brasil,

especificamente dissertações e teses, e que articulassem Juventude, Cibercultura, Gênero e Sexualidade, no período de 2009 a 2019.

Por entre os achados da produção acadêmica

A busca pela produção acadêmica se desenvolveu no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (CTDC), a partir dos descritores “Internet”, “Jovens na Internet”, “LGBTs na Internet” e “Redes sociais e Educação”. Obtivemos 15 (quinze) trabalhos que se aproximaram das temáticas propostas. Essa aproximação se demonstra na escolha temática e/ou metodológica, em que observamos pesquisas sobre educação e sexualidade, estudos sobre gênero e sexualidade em redes sociais ou estudos sobre educação, gênero e sexualidade com jovens na contemporaneidade.

A seguir apresentamos um quadro das pesquisas encontradas com o título, nome dos autores, ano de publicação, nome da universidade ou instituição de ensino superior vinculada e se foi uma dissertação de mestrado ou tese de doutorado.

QUADRO 1: Produção acadêmica 2009 - 2019

Título	Autor	Ano	Instituição	Tipo
Redes sociais e educação: o facebook e suas possibilidades pedagógicas	Amanda Tolomelli Brescia	2013	CEFET/MG	Dissertação
Sites de Redes Sociais e Educação: a utilização do Facebook como possibilidade de potencialização de uma cidadania	Júlio César Madeira	2014	UFPEl	Dissertação
Transversalidade nos modos de socialização e individuação: experiências juvenis em rede	Juliana Batista dos Reis	2014	UFMG	Tese
Cultura digital e redes sociais: incerteza e ousadia na formação de professores	Maysa De Oliveira Brum Bueno	2014	UCDB	Tese
Novas sociabilidades e protagonismo juvenis: a escola vista no ciberespaço	Kelly Ramos de Souza Bitencourt	2014	UCB	Dissertação
Movimentos sociais@internet e sua dimensão educative	Maurelio Menezes	2015	UFMG	Tese
Relações dialógicas no processo de educomunicação: análise em uma rede social na internet	Danilo Fonseca Silva	2015	UFU	Dissertação
Internet e educação: aproximações inspiradas pelos movimentos sociais articulados em rede para a formação de sujeitos	Isabel Colucci Coelho	2015	UFSC	Dissertação
A participação de estudantes do ensino médio de escolas públicas da região de caieiras/sp em movimentos e redes sociais	Andreia de Oliveira Silva	2016	Unicamp	Tese
A produção de conteúdos midiáticos realizada por jovens e suas possibilidades Educativas	Joana D’ar Silvia Goudinho Arrelaro	2016	UnB	Dissertação
Sexualidade, adolescência e educação sexual a partir dos quereres e poderes da internet	Franciele Trichez Menin	2017	UNIOESTE	Dissertação

#Currículoemconexãocomacibercultura: sociabilidade ciborgue e as juventudes no ensino médio	Aline Goncalves Ferreira	2017	UFMG	Dissertação
Marcas da abjeção expressas em conversas sobre heteronormatividade com jovens no <i>facebook</i> : em defesa de uma pedagogia <i>queer</i>	Dilton Ribeiro do Couto Junior	2017	UERJ	Tese
Construções discursivas em estudo nas mídias digitais: os youtubers fabricando modos de ser jovem	Guilherme Rego Rockembach	2018	IFSul	Dissertação
Vivências e aprendizagens de jovens LGBT+ sobre si na escola e na internet	Jefferson Cavalcante de Oliveira	2018	UFC	Dissertação

Fonte: Elaborado pelos autores

A dissertação “Sites de Redes Sociais e Educação: a utilização do Facebook como possibilidade de potencialização de uma cidadania” de Júlio César Madeira (2014) estudou em que medida a rede social pode potencializar processos de cidadania de alunos. Foi uma pesquisa realizada com dezesseis sujeitos matriculados na disciplina Fundamentos Psicológicos da Educação e constatou-se que utilizaram o Facebook para potencializar a cidadania, entretanto o *site* não se configura por si só como um instrumento social à cidadania. No caso estudado o *site* de rede social Facebook demonstrou-se potente como ferramenta de ensino e de aprendizagem, por oportunizar aos estudantes uma ampliação do espaço de sala de aula.

O trabalho intitulado de “Transversalidade nos modos socialização e individuação: experiências juvenis em rede” de Juliana Reis (2014) buscou tratar da socialização de jovens de periferias urbanas na internet. Tal intersecção, periferia, juventude e internet põe em foco de discussão minorias sociais. Por meio de descrições e análises das interações dos sujeitos e através do estudo sociológico dos indivíduos a autora estabeleceu sua metodologia da pesquisa, com abordagem qualitativa e cuja técnica desenvolvida foi a da etnografia, tanto virtual quanto presencial acompanhando jovens de periferias urbanas da região do Aglomerado da Serra e Santana do Cafezal em Minas Gerais e suas vivências cotidianas por meio de observações e de entrevistas individuais, sempre privilegiando a dimensão biográfica destes sujeitos.

A tese teve entre outras conclusões que os ambientes *online* são dinâmicos, sendo um vetor transversal no cotidiano dos jovens e que cada pessoa desenvolve um modo de “ser” singular no ciberespaço podendo ser caracterizado por tensões, afetos, disputas e uma variedade de relações.

Outro estudo que identificado é o intitulado “Cultura digital e redes sociais: Incerteza e ousadia na formação de professores”, cujo o *lôcus* foi também a rede social

Facebook. Trata-se de uma tese de doutorado, onde Maysa Bueno (2014) analisou a cultura digital estabelecida entre os professores em formação, sendo localizado no contexto das redes sociais digitais. Além disso, buscou analisar o perfil de professores suas concepções sobre a participação nas redes e grupos virtuais. Foi um trabalho fundamentado na teoria do “conectivismo” com abordagem metodológica pautada na técnica da etnografia virtual. Foram investigados dois grupos dentro da rede social Facebook. Registrou-se o mural dos grupos e de depoimentos solicitados pela pesquisadora, além de observações e um questionário.

Os resultados apontaram que a participação nos grupos nas redes virtuais sociais está vinculada à formação continuada com características de colaboração, partilha, diálogo e amizade, evidenciando uma cultura digital. Como resultado também se destaca que a experiência nos grupos favorece interações e, conseqüentemente, uma formação continuada.

A pesquisa intitulada “Novas sociabilidades e protagonismo juvenis: a escola vista no ciberespaço”, trabalhou o avanço tecnológico na era digital, relacionado à juventude. Kelly Bitencourt (2014) investigou os espaços de opinião, manifestação, representatividade e participação vivenciados por adolescentes e jovens no ciberespaço para se posicionarem sobre as instituições nas quais estudam. Nesta dissertação foi analisada como as juventudes contemporâneas se relacionam com as tecnologias da informação e comunicação e quais os canais de comunicação e interatividade são utilizados por eles, destacando as redes sociais e o Facebook como protagonista.

A autora destaca que se trata de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, que fez uso da netnografia. Acerca dos dados coletados, foram colhidos a partir da observação regular dos diários de classe em um período de treze meses e foram analisados por meio do método da análise de conteúdo.

Em seguida, na pesquisa intitulada de “Movimentos sociais@internet e sua dimensão educativa” Maurelio Menezes (2015) fez um estudo sobre os movimentos sociais virtuais, mais especificamente o que ficou conhecido como Primavera Árabe e a série de manifestações no Brasil em 2013, denominada de “Outono-Inverno Brasileiro”. O principal pensador para fundamentar o trabalho foi António Gramsci (1891-1937). Sobre a metodologia da pesquisa, utilizou-se como instrumentalização a observação participante em manifestações sociais realizadas no Mato Grosso. Como material de análise, foram observados noticiários locais e nacionais sobre os acontecimentos, sendo

uma pesquisa documental, analisou também os relatos de manifestantes por meio de entrevistas.

Dessa maneira, o estudo pôde constatar que as manifestações sociais *online* e presenciais possuem uma força mobilizadora potente e que no âmbito virtual, as comunidades serve como meio de mobilização e organização que contribui para estruturação dos movimentos sociais.

O trabalho “Relações dialógicas no processo de educomunicação: análise em uma rede social na Internet” analisou relações dialógicas e de educomunicação em um processo educativo de professores e alunos acadêmicos do curso de Comunicação Social e Jornalismo na rede social Facebook, além disso, verificou possíveis contribuições da rede social investigada para o processo formativo e construção de pensamento crítico dos participantes. Para realização da pesquisa, Danilo Silva (2015) utilizou da etnografia virtual.

Os resultados obtidos evidenciam bastantes possibilidades dialógicas e de construção de conhecimentos nos ambientes virtuais, que possibilitam uma não limitação ao espaço e tempo do ambiente acadêmico formal, além disso, demonstrou que os sujeitos eram críticos e atentos às realidades sociais experimentadas por eles.

A pesquisa: “Internet e educação: aproximações inspiradas pelos movimentos sociais articulados em rede para a formação de sujeitos” se constituiu por meio de uma análise qualitativa, realizada a partir de mensagens trocadas na rede social Twitter durante os protestos nacionais contra o aumento das tarifas de ônibus, deflagrados pelo Movimento Passe Livres (MPL), entre os meses de janeiro e fevereiro de 2015. Isabel Coelho (2015) sistematizou uma revisão bibliográfica sobre o empoderamento de sujeitos; utilizou-se de instrumentos como *big data*; e análise de categorias analíticas pré-determinadas pelo marco teórico, a pluralidade e o agir comunicativo, em suas condições de existência na ação política promovida por movimentos sociais na internet.

Como resultados, destaca-se a exposição de ideias de diversidade e utilização de estratégias de acolhimento pelos administradores das páginas. O comportamento que permitiu a usuários comuns ascender à condição de autoridade no grupo; e a identificação de elementos de exposição de ideias que estimulam a construção coletiva de consenso.

Já a autora Andreia Silva (2016), na pesquisa “A participação de estudantes do ensino médio de escolas públicas da região de Caieiras/SP em movimentos e redes sociais” abordou o sentimento de indignação e pertencimento de jovens estudantes em movimentos e manifestações sociais ocorridos em junho de 2013 e nos meses

subsequentes, organizados via redes sociais da internet. Os sujeitos da pesquisa foram estudantes do Ensino Médio de escolas públicas da região de Caieiras/SP.

O objetivo principal do trabalho foi investigar como os jovens do Ensino Médio das escolas públicas do Estado de São Paulo definem, tomam conhecimento ou participam dos movimentos e manifestações sociais e, se isso se dá por meio da educação formal, tendo como instrumento as salas de informática e as redes sociais como ferramentas para comunicação, publicização e participação desses estudantes nesses movimentos e manifestações. Em relação aos procedimentos e métodos da pesquisa, se deram em três etapas sendo elas: estudo da bibliografia; construção de um questionário e o desenvolvimento de uma roda de conversa com promoção de um debate com alunos que participaram de manifestações em ruas e praças no período de junho de 2013.

Constatou-se que a educação formal não foi a principal mediadora para as ações dos jovens, uma vez que a maioria das interações analisadas se deu fora do ambiente escolar e não necessariamente por meio da sala de informática. A autora considera ainda que a escola cumpriu sua função social haja vista que os jovens estudantes possuíam pensamento crítico participação transformadora na sociedade. Este trabalho tentou observar relações dos aprendizados e manifestações dos jovens na internet, principalmente em relação a atitudes críticas e no que se refere a movimentos sociais e a relação com a educação formal.

Outro trabalho se chama “A produção de conteúdos midiáticos realizada por jovens e suas possibilidades educativas”, nele Joana D’arc Arrelaro (2016) investigou a produção de conteúdo midiático, realizada por jovens de uma escola pública do Distrito Federal. Fez uma descrição das produções realizadas por jovens em redes sociais e/ou mídias digitais, que foram disponibilizadas por eles como parte do acervo de dados visuais para compor este estudo. Utilizou uma abordagem de método misto que se iniciou com a abordagem quantitativa por meio de aplicação de um questionário online com cento e cinquenta e oito jovens, com idades entre quinze e vinte anos, onde utilizou-se da técnica de Grupo Focal e conversas informais pelo aplicativo whatsapp, foram analisados os dados com o apoio de softwares.

Como resultado, foi possível compreender os interesses e motivações da geração que nasceu e cresceu em uma sociedade permeada por tecnologias e pelas mídias digitais. Observou-se também uma capacidade de buscar informações em diversos suportes quando têm interesse em alguma aprendizagem específica.

Em “Sexualidade, adolescência e educação sexual a partir dos quereres e poderes da internet”, Franciéle Menin (2017) teve como objetivo investigar como se dá o uso da internet no ambiente escolar bem como a educação sexual no ambiente da escola formal, além disso, a influência da internet na sexualidade dos jovens sujeitos da pesquisa. Os temas sexualidade, adolescência e educação sexual emancipatória tem sem dúvida ampla relação com este presente estudo. Em relação aos procedimentos metodológicos utilizados, a autora descreve o trabalho como uma pesquisa de abordagem qualitativa e quantitativa, cuja abordagem elencada foi o materialismo histórico dialético. A pesquisa se deu em duas etapas, a primeira foi uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto, caracterizada como um levantamento de Estado da arte da temática pesquisada. Em seguida, por meio de uma investigação em campo foram coletados dados de quarenta e três adolescentes e vinte e dois professores, ambos do Ensino Médio em quatro colégios estaduais da rede pública do município de Francisco Beltrão no Paraná através de um questionário de dez perguntas.

Quanto às conclusões e resultados, foi constatado uma falta de compreensão da internet como uma ferramenta pedagógica, sendo limitado apenas para o uso esporádico. Sobre a Educação Sexual Emancipatória professores e alunos não demonstraram interesse ou conhecimento da importância da discussão do assunto para o desenvolvimento e formação do adolescente.

No estudo “#CURRÍCULOEMCONEXÃOCOMACIBERCULTURA: Sociabilidade ciborgue e as juventudes no ensino médio” Aline Ferreira (2017) discutiu a cibercultura na atuação do currículo vivido por uma turma de ensino médio em uma escola pública. A metodologia utilizada foi nas palavras da autora, a “etnográfica educacional”, onde no primeiro semestre letivo de 2016, aplicou-se questionários e entrevistas, além de observações na instituição pesquisada. Como principais referências teóricas utilizou a sociologia da juventude e estudos curriculares, além de conceitos foucaultianos que auxiliaram no trabalho analítico.

O trabalho “Marcas da abjeção expressas em conversas sobre heteronormatividade com jovens no Facebook: em defesa de uma pedagogia queer” de Dilton Couto Junior (2017) teve por objetivo reconhecer as marcas de abjeção que jovens LGBTI+ sofrem, foi realizada entre 2013 e 2015 no Facebook em um grupo virtual com 70 participantes. A metodologia se deu por meio de conversas online e presenciais trabalhando questões de gênero e sexualidade. Os autores base da pesquisa são estudiosos

queer, do campo do gênero e da sexualidade além de Bakhtin com conceitos de dialogismo e alteridade.

Os resultados apontam o engajamento de jovens LGBTI+ com questões políticas e de militância no ciberespaço além de apontar a importância e urgência de discutir sobre gênero e sexualidade no contexto da escola formal e na formação de professores.

Uma pesquisa singular teve como objetivo analisar a fabricação de uma população dita “Jovem” na atualidade. Com o Título: “Construções discursivas em estudos nas mídias digitais: Os Youtubers fabricando modos de ser jovem” o Guilherme Rockembach (2018) desenvolveu um trabalho que analisou alguns ditos que circulam em alguns dos canais mais acessados dos youtubers brasileiros na atualidade. Teve como inspirações teóricas e metodológicas os conceitos/ferramentas do filósofo francês Michel Foucault e no campo dos Estudos Culturais através principalmente da análise do discurso foucaultiana.

Os principais recortes do estudo são juventude digitalizada; o enunciado da juventude espetacularizada e da nostalgia de uma juventude, construção de modos de ser, aprendizados informais em ambientes virtuais e estudos pós-estruturalistas.

Na pesquisa “Vivências e aprendizagens de jovens lgbt+ sobre si na escola e na internet”, Jefferson Oliveira (2018) buscou compreender como um grupo de estudantes LGBTI+ de uma escola pública de Fortaleza, no Ceará, vivenciou as questões de gêneros e sexualidades no ambiente físico da escola e no ciberespaço. Para isso, utilizou-se a perspectiva teórica que considera a formação de sujeito ciborgue. Foi um estudo de caráter qualitativo e com auxílio do método etnográfico, os dados foram construídos com os participantes e coletados entre os meses de junho de 2017 e março de 2018 por meio da observação participante presencial e virtual dos participantes do estudo e também por meio de entrevistas presenciais.

Os resultados revelaram que, a partir dessas interações em redes virtuais e físicas, os participantes se tornaram mais conscientes de si, se empoderaram e se perceberam capazes de propor mudanças significativas e de agir em seus contextos, particularmente na escola pública. Além disso, permitiram compreender como os espaços virtuais se configuram hoje espaços de experiências, criações, trocas e aprendizagens “ciber-autoformadoras” para os estudantes LGBTI+ e como permitem a eles construírem outras e diversas trajetórias em suas experiências também no ensino formal.

Com este panorama foi possível visualizar o crescimento da discussão que associam ciberespaço, cibercultura em trabalhos na área de Educação. Isso pode apontar,

entre outros fatores o crescimento de um campo de estudo, relevância social e atualidade do tema, mas chamamos atenção para o fator “importância” da discussão sobre a temática.

A presença crescente da atenção/debate não se verifica apenas na academia. Pode-se ver a profusão de livros, filmes, séries de televisão, histórias em quadrinho, músicas e outros tipos de materiais de consumo da chamada “cultura pop”, que abordam a temática no cotidiano da vida das pessoas e de que forma impactam e podem transformar a sociedade.

Acreditávamos preliminarmente que encontraríamos mais estudos relacionados os temas gênero e sexualidade, Educação e cibercultura, contudo, como demonstrado da amostra de quinze estudos encontrados, apenas três versaram sobre e apenas dois trouxeram discussões relativas as comunidades LGBTI+. Este resultado nos motivou ainda mais para a realização de uma pesquisa própria no âmbito de interseccionalizar os três campos.

Procedimentos Metodológicos

Este estudo parte da perspectiva apontada por Louise Corti e Nigel Fielding (2016) de que se nos anos de 1990, as pesquisas em ambientes virtuais voltaram-se para tipos de fontes não acessadas pelos tradicionais métodos de pesquisa até então disponíveis, atualmente devemos reconhecer, que pelo menos uma parte das pesquisas são realizadas em formato “*online*”. Para estes autores as pesquisas qualitativas *online*, nas ciências sociais – e acrescentamos na área da educação – tem um importante papel para o entendimento do contexto das relações que se desenvolvem nestes espaços. Tal qual nas pesquisas que consideram os *blogs* como ambientes de narrativas pessoais e interações pessoais, como indicado por Wivian Weller, Lucélia Bassalo e Nicole Pfaff (2018), propusemos o estudo de aprendizagens informais que ocorrem em ambiente online.

Assim, este estudo trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, relacionada a fenomenologia social, que utilizou como método a etnografia virtual e o método documentário para a interpretação dos dados. Considerou-se como *lócus* da pesquisa o universo das redes sociais, particularmente grupos virtuais no Facebook. Neste ambiente foram selecionados e observados grupos onde estivessem ocorrendo processos de ensino e aprendizagem sobre gênero e sexualidade.

O estudo ancorou-se na fenomenologia social de Alfred Schutz (1979), por este enfoque percorrer o "mundo social" dos objetos investigados ou ainda, como afirmam Lucélia Bassalo e Jardinélio Silva (2020, p. 277), por “possibilitar a compreensão

qualitativa da educação, da diversidade sexual e de gênero no modo como se constituem no mundo vida, tanto em relação a subjetividade quanto nas relações que se estabelecem”. Especialmente, no caso desta investigação, consideramos o tempo e o espaço como componentes essenciais para a compreensão das experiências humanas contemporâneas.

A natureza dos ambientes virtuais e sua crescente importância na pesquisa em educação exigem abordagens de pesquisa criativas que tem sido potencializadas nos últimos tempos. Neste sentido, é válido ressaltar também que a internet é considerada não apenas um objeto de estudo, mas também um lugar onde ocorrem interações culturais, como demonstram Jo Frankham e Christina Mcrae (2015). Entre as diferentes possibilidades de investigação virtual, elegemos a etnografia virtual como modo de acessar as interações por meio da inserção em grupos virtuais conforme recomenda Beatriz Polivanov (2013). Neste sentido princípios e abordagens da etnografia, em ambiente virtual foram utilizados, como roteiros de observação e diários de campo. de tal modo que possibilitou a triangulação das informações através da coleta de imagens e textos. O acompanhamento das páginas se desenvolveu no período compreendido entre março de 2020 a setembro de 2020,

Neste estudo foram investigadas pessoas em si, mas atividades e fenômenos realizados por indivíduos em suas atividades humanas, ou seja, é o valor que os sujeitos atribuem as páginas, suas publicações e reações. Neste sentido as escolhas metodológicas se relacionam com os pressupostos da fenomenologia social, na medida em que possibilita uma postura de suspensão de opiniões pré-concebidas para uma observação rigorosa. Para tal a etnografia se mostrou com uma possibilidade relevante, de modo que optamos pela etnografia virtual, por conceber o ciberespaço como um lugar que acontecem interações, não só um objeto e nem só uma cultura, mas as duas coisas (Piérre Lévy, 1999; Beatriz Polivanov, 2013). Ou seja, a etnografia virtual se mostra adequada para acessar os grupos virtuais como modo de identificar as mobilizações que são realizadas pelos participantes da plataforma, anotados em um diário de campo.

Destacamos ainda que um conceito fundamental para a etnografia virtual, é a observação, onde: “todo e qualquer tipo de observação é participante e que tal abordagem é central para o método etnográfico” (Beatriz Polivanov, 2013, p. 5). Contudo percebemos contradições nessa noção tanto no nosso procedimento quanto pela opinião da autora Helen Morton (2001) que afirma que em uma pesquisa, havendo distanciamento ou pouco envolvimento, pesquisadores caracterizam-se como *distanced research*, ou seja, pesquisadores distanciados com pouco ou nenhum envolvimento no grupo. Trabalhamos

como observadores, no intuito de apreender os processos de aprendizagem no meio virtual sem necessariamente aprofundarmo-nos, por exemplo, na imersão do grupo virtual e interação com os membros.

Os estudos culturais se relacionam a pesquisa na medida em que possibilita dar relevo, com um campo particularmente contemporâneo, as mídias e as experiências que decorrem da relação com as tecnologias, no caso desta investigação, em âmbito virtual. Os meios de comunicação social, e de modo especial os audiovisuais ocupam um lugar destacado nos estudos culturais, “[...] através da conversão mais explícita em problemática dos desafios vinculados a ideologia e aos vetores de um trabalho hegemônico” Armand Mattelart e Érik Neveu (1997, p. 122 *apud* Ana Carolina Escosteguy, 2006, p. 147), logo, estes meios podem ser problematizados.

Educação, gênero e sexualidade no facebook

Para realização desta fase da pesquisa foi necessário encontrar espaços nos quais fosse possível perceber a existência de processos de ensino e aprendizagem sobre gênero e sexualidade, portanto, no intuito de selecionar tais lócus, consideramos fazer uma observação preliminar através do sistema de busca da própria rede social Facebook.

Como termos na busca foram utilizados: “LGBT”, “cura gay”, “ideologia de gênero”, “gênero e sexualidade” e “educação e gênero”. Foram eliminados grupos inativos, com pouca interação ou baixo número de usuários, de modo que foram selecionados: a) “Quebrando o Tabu”, b) LGBTQI+ Resistência pela Democracia, c) Pe. Paulo Ricardo e d) Evangélicos LGBTQI+ Os dois primeiros são grupos que possuem propostas de defesa dos direitos humanos e os dois últimos são grupos religiosos e conservadores.

Após a seleção dos grupos e feito o acompanhamento dos grupos por meio da observação e diário de campo, foram escolhidas publicações e interações virtuais que organizadas em cinco categorias. A categorização foi realizada considerando os principais temas abordados nas interações virtuais, de modo a identificar aproximações e distanciamentos entre as publicações dos grupos para os quais a atenção desta pesquisa esteve voltada.

A partir dos dados coletados, foram realizados balanços das narrativas que apontam fatores em comum no conteúdo dos grupos observados, sendo estas: a) tensões e contradições na comunidade LGBTI+; b) gênero, sexualidade e feminismo; c) gênero,

sexualidade e educação de crianças; d) aceitação da sexualidade; e) patologização da sexualidade. Os grupos e categorias são demonstrados no quadro a seguir.

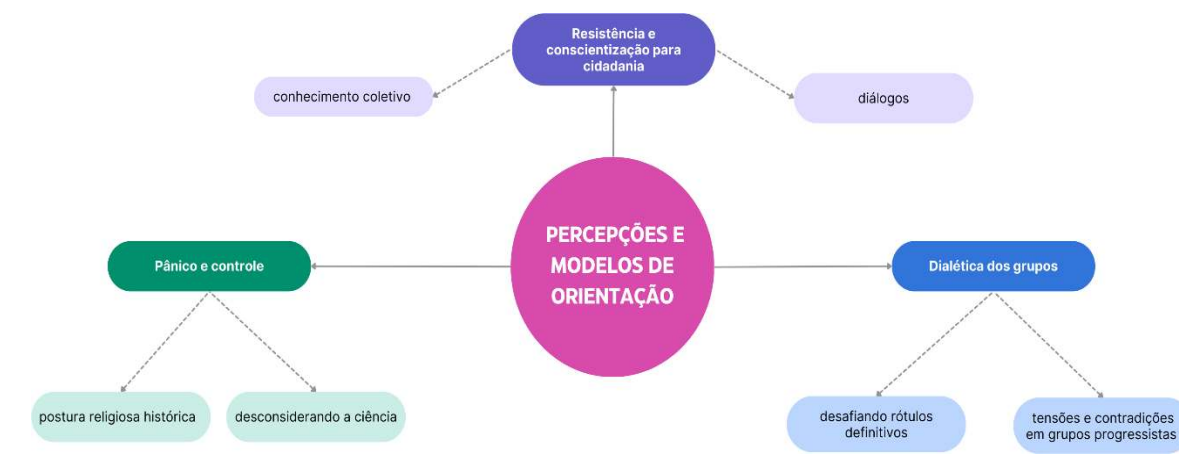
QUADRO 2: Grupos e Categorizações

Categorias	Tensões e contradições na comunidade lgbti+	Gênero, sexualidade e feminismo	Gênero, sexualidade e educação de crianças	Aceitação da sexualidade	Patologização da sexualidade
Quebrando o tabu (progressista)	<i>Transfobia no meio LGBTI+</i>	<i>Papel do homem nos feminismos</i>			
LGBTQI+ Resistência pela democracia (progressista)	<i>Pink Money</i>			<i>Aceitação e vida pessoal</i>	
Padre Paulo Ricardo (conservador)		<i>Ativista Patricia MacCormack</i>	<i>“ideologia de gênero” e “educação sexual”</i>		<i>“Cura gay”</i>
Evangélicos LGBTQI+ (conservador)			<i>Doutrinação infantil</i>	<i>A ovelha “negra” e a “colorida”</i>	<i>Criminalização da “cura gay”</i>

Fonte: Elaborado pelos autores

A partir das categorizações das publicações encontradas em cada grupo, foi possível delinear modelos que orientam a prática dos sujeitos dos grupos virtuais observados, nesse sentido, foi-se desvelando os principais conceitos, tensões e contradições dentro de um mesmo grupo, ou dentro de um mesmo tipo de grupo, que optamos por demonstrar no fluxograma a seguir.

Figura 1: Fluxograma dos conceitos delineados



Fonte: Elaborado pelos autores

O primeiro, chamado "Dialética dos grupos", revela tensões e contradições em grupos progressistas que, por vezes, apoiam ideologias conservadoras, quando por exemplo, foram observados posicionamentos de “apoio ao capitalismo” e ao chamado *pink money*. Grupos religiosos também mostram características progressistas, desafiando rótulos definitivos, destacando por exemplo um grupo de evangélicos LGBTI+, que a pesar de um posicionamento político de direita, debatiam de modo crítico contra pautas retrogradadas como “cura gay”. O liberalismo em comunidades de defesa dos direitos humanos requer atenção especial para entender a exploração do capital humano. LGBTI+ em grupos religiosos tradicionais ressignificam a noção de "ser *queer*", potencialmente transformando mentalidades conservadoras.

O segundo modelo, "Pânico e controle", descreve grupos conservadores como reacionários, promovendo ódio e desconsiderando a ciência, observamos isso, em *posts* de ataques a estudiosas e militantes como Judith Butler e Patricia MacCormack, esta última dita por exemplo como “*professora ocultista: para salvar o planeta, extinguir a espécie*”. Essas características não se limitam ao ciberespaço, refletindo a postura histórica de grupos religiosos cristãos em relação aos direitos LGBTI+. Em contrapartida, a comunidade LGBTI+ é flexível no ciberespaço, permitindo discussões e novas perspectivas.

O terceiro modelo, "Resistência e conscientização para cidadania", destaca que grupos progressistas estudados promovem diálogos sobre gênero, sexualidade e outros temas, construindo conhecimento coletivo e compartilhando experiências. Onde por exemplo, em um *post* sobre o papel de homens nos feminismos, destacam-se excertos que demonstram esse processo educativo: “*vocês não têm que ser responsáveis pela vida financeira de ninguém*”; “*homens, vocês podem chorar*”.

A pesquisa também pode revelar que o ciberespaço permite a criação de ambientes seguros para grupos afins e debates de temas atuais. No entanto, a segregação em "bolhas" virtuais e o impacto dos algoritmos são desafios a serem abordados. Enfatizamos a importância da educação online e a necessidade de enfrentar os desafios relacionados aos algoritmos e à formação de "bolhas" virtuais.

Considerações Finais

A partir de uma discussão teórica, crítica e reflexiva sobre estudos culturais, gênero, sexualidade, educação e cibercultura, intencionamos demonstrar como essas

temáticas se interrelacionam e influenciam mutuamente. Ao explorar a interseção entre esses campos, evidenciamos a importância de uma abordagem multidisciplinar para compreender as complexas dinâmicas educativas que se desenvolvem no ciberespaço.

Esse arcabouço teórico foi fundamental para abordar as questões de gênero e sexualidade, como construções sociais profundamente enraizadas em contextos históricos e culturais específicos. A educação, desponta não apenas como um espaço de transmissão de conhecimento, mas também como um terreno de disputa e resistência onde as identidades são constantemente negociadas e (re)construídas.

Consideramos o ciberespaço e a cibercultura como domínios onde as interações sociais ocorrem de maneira intensificada e onde se desenvolvem aprendizados importantes para a vida social. A digitalização da vida cotidiana trouxe à tona formas de expressão e interação que desafiam as normas tradicionais de gênero e sexualidade, ao mesmo tempo que reproduzem desigualdades existentes.

A análise do estado do conhecimento revelou uma crescente preocupação acadêmica com essas temáticas, especialmente no que diz respeito às potencialidades e desafios do ciberespaço como ambiente educativo.

Os dados mostraram que há uma diversidade de abordagens e metodologias sendo empregadas para investigar as relações entre ciberespaço, educação, gênero e sexualidade. Observamos um aumento significativo de pesquisas que buscam compreender como as tecnologias digitais podem ser utilizadas para promover a inclusão e a equidade, ao que acrescentamos podem desafiar as normas heteronormativas e patriarcais predominantes.

Contudo, identificamos também lacunas e desafios que precisam ser enfrentados. A fragmentação das pesquisas e a necessidade de um diálogo mais profundo entre os diferentes campos de estudo foram aspectos que ficaram evidentes. Além disso, a rápida evolução das tecnologias digitais demanda uma constante atualização dos marcos teóricos e metodológicos utilizados nas investigações acadêmicas.

Assim, a presente pesquisa buscou identificar e analisar espaços virtuais onde ocorrem práticas educativas de gênero e sexualidade, elegendo a rede social Facebook como ambiente privilegiado na investigação.

Os resultados desta pesquisa revelam a complexidade e a diversidade das discussões sobre gênero e sexualidade em espaços virtuais. Observamos que, enquanto os grupos defensores dos direitos humanos, como “Quebrando o Tabu” e “LGBTQI+ Resistência pela Democracia”, tendem a promover a aceitação e a defesa da diversidade

sexual e de gênero, os grupos de orientação religiosa, “Pe. Paulo Ricardo” e “Evangélicos LGBTQI+”, frequentemente adotam discursos que patologizam ou contestam essas identidades.

As tensões e contradições dentro da própria comunidade LGBTI+ também se destacaram, indicando que a luta por direitos e reconhecimento é multifacetada e repleta de desafios internos. A interseção entre gênero, sexualidade e feminismo mostrou-se particularmente relevante, evidenciando como esses temas se entrelaçam nas discussões contemporâneas sobre igualdade e direitos humanos.

Por fim, a aceitação da sexualidade e sua patologização foram temas recorrentes, refletindo as diversas visões e experiências individuais e coletivas sobre o que significa ser parte da comunidade LGBTI+ e como essas identidades são percebidas e tratadas pela sociedade em geral.

Em conclusão, este estudo contribui para uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas de ensino e aprendizagem sobre gênero e sexualidade nas redes sociais, destacando a importância de continuar explorando essas interações para promover um diálogo mais inclusivo e informado sobre esses temas essenciais. Evidenciamos que a interseção entre estudos culturais, gênero, sexualidade, educação e cibercultura constitui um campo fértil e desafiador para a pesquisa acadêmica. Intencionamos demonstrar a importância de futuras pesquisas e ações educativas que visem reduzir preconceitos e fomentar a aceitação e o respeito à diversidade. Além disso, é imprescindível que continuemos a aprofundar nosso entendimento sobre essas relações, promovendo estudos que sejam capazes de captar a complexidade das interações sociais no mundo contemporâneo, grande parte dele ambientado no que ainda denominamos de virtual. Somente assim poderemos contribuir para a construção de uma educação mais inclusiva e equitativa, que esteja em sintonia com as demandas e possibilidades do século XXI.

Referências

ALAVA, Séraphin. et al. *Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?* Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARRELARO, Joana D'arc Silvia Goudinho. *A produção de conteúdos midiáticos realizada por jovens e suas possibilidades educativas*. 2016. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

- BITENCOURT, Kelly Ramos de Souza. *Novas sociabilidades e protagonismo juvenis: a escola vista no ciberespaço*. 2014. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2014.
- BOHNSACK, Ralf. *Pesquisa social reconstrutiva: introdução aos métodos qualitativos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- BRESCIA, Amanda, Tolomelli. *Redes sociais e educação: O Facebook e suas possibilidades pedagógica*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.
- BUENO, Maysa de Oliveira Brum. *Cultura digital e redes sociais: incerteza e ousadia na formação de professores*. 2014. 110 f. Tese (doutorado em educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS, 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- COELHO, Isabel Colucci. *Internet e educação: aproximações inspiradas pelos movimentos sociais articulados em rede para a formação de sujeitos*. 2015. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro do. *Marcas da abjeção expressas em conversas sobre heteronormatividade com jovens no Facebook: em defesa de uma pedagogia queer*. 2017. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- CORTI, Louise; FIELDING, Nigel. Opportunities from the digital revolution: Implications for researching, publishing, and consuming qualitative research. *Sage Open*, v. 6, n. 4, p. 2158244016678912, 2016.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *O que é, afinal, Estudos Culturais?* 3e. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (p. 135 a 166).
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Ed. on-line, Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FERREIRA, Aline Gonçalves. *#Currículoemconexãocomacibercultura: a sociabilidade ciborgue e as juventudes no ensino médio*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- FRANKHAM, Jo; MACRAE, Christina. Etnografia. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy. (Org). *Teoria e métodos de pesquisa social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- GIROUX, Henry Armand. Praticando estudos culturais nas faculdades de Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1995. (p. 85 a 103).
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios Contínua*. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>. Acesso em 23 maio de 2024.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Ana Maria de Albuquerque. *Cyberbullying e outros riscos da Internet: despertando a atenção de pais e professores*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MADEIRA, Júlio César. *Sites de Redes Sociais e Educação: a utilização do Facebook como possibilidade de potencialização de uma cidadania*. 2014. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MENEZES, Maurelio. *Movimentos sociais@internet e sua dimensão educativa*. 2015. 173 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2015.

MENIN, Franciéle Trichez. *Sexualidade, adolescência e educação sexual a partir do querer e poderes da internet*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Francisco Beltrão, 2017.

MISKOLCI, Richard; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Quem tem medo de Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil. *Cadernos pagu*, [S. l.], n. 53, p. e185300, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449201800530000>.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/1551>. Acesso em 02 jul. 2024.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 6, n. 2, p. 275-297 jul.–dez. 2016. DOI: <https://doi.editoracubo.com.br/10.4322/2316-1329.014>. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/525>. Acesso em: 02 jul. 2024.

MORTON, Helen. Computer-Mediated Communication in Australian Anthropology and Sociology. *Social Analysis Journal of Cultural and Social Practices*, v. 45, n. 1, pp. 3- 11, 2001. REBS, R. *Reflexão Epistemológica da Pesquisa Netnográfica*. *Comunicologia*, n. 8, 1o sem. 2011.

OLIVEIRA, Jefferson Cavalcante de. *Vivências e aprendizagens de jovens LGBT+ sobre si na escola e na internet* - UFC. 2018. 170f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2018.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet. In: *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013.

REIS, Juliana Batista dos. *Transversalidade nos modos de socialização e individuação: experiências juvenis em rede*. Tese de doutorado. Belo Horizonte: UFMG Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

ROCKEMBACH, Guilherme Rego. *Construções discursivas em estudo nas mídias digitais: os youtubers fabricando modos de ser jovem*. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia) - Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Santa Catarina, 2018.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo estado da arte em educação. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 06, n. 19, p. 37-50, Dez. 2006. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2006000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 13 maio de 2024.

SANTAELLA, Lucia. As linguagens da cibercultura. Saberes em Sociolinguística. In: VIEIRA, Márcia dos Santos MACHADO; WIEDEMER, Marcos Luiz (Orgs.). *Saberes em Sociolinguística: trilhas, demandas e proposições*. Pá de Palvra: São Paulo, 2023.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista Famecos*, v. 10, n. 22, p. 23-32, 2003.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979.

SILVA, Andreia de Oliveira. *A participação de estudantes do ensino médio de escolas públicas da região de Caieiras/SP em movimentos e redes sociais*. 2016. 1 recurso online (333 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, 2016.

SILVA, Danilo Fonseca. *Relações dialógicas no processo de educomunicação: análise em uma rede social na internet*. 2015. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

SILVA, Jardínlio Reis da; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Narrativas de professoras lésbicas e professores gays no ambiente escolar heteronormativo no nordeste do Pará. *Humanidades & Inovação*, v. 7, n. 12, p. 275-290, 2020.

SOARES, Suely Galli. Educação e comunicação: o ideal de inclusão pelas tecnologias de informação: otimismo exacerbado e lucidez pedagógica. São Paulo: Cortez, 2006.

WELLER, Wivian. et al. Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. *Sociedade e Estado*, v. Sociedade e Estado XVII, n. 02, p. 375-396, jul./dez. 2002.

WELLER, Wivian, BASSALO, Lucélia de M. B e PFAFF, Nicole. Collecting data for analyzing blogs. In: FLICK, Uwe. *The SAGE handbook of Qualitative Data Collection*. Londres: SAGE, 2018.

Recebido em maio de 2024.
Aprovado em julho de 2024.